

# A EXPERIÊNCIA DA ESPERANÇA

Escolas Waldorf  
como catedrais do século XXI



# A EXPERIÊNCIA DA ESPERANÇA

Escolas Waldorf  
como catedrais do século XXI

Christopher Schaefer

**Direitos autorais:**

A EXPERIÊNCIA DA ESPERANÇA

Escolas Waldorf como catedrais do século XXI

Federação das Escolas Waldorf no Brasil  
Rua São Benedito, 1917 – 04735-004 – São Paulo SP  
Tel.: (11) 5524.0473 - (11) 5548.9069  
fewb.org.br – fewb@fewb.org.br

**Dados da 1ª Edição:**

**Tradução:**

Anja Kamp

**Capa e projeto gráfico:**

Marcelo Breyne

**Coordenação:**

Elizabeth Cerri e Shigueyo Mizoguchi

1ª.Edição: Setembro de 2007

**Revisão:**

Hermanus Meijerink

**Diagramação:**

Hilda Gushiken

**2ª edição dezembro 2019**

**Revisão:**

Fabiana Camargo Pellegrini

**Diagramação:**

Gisela Motta

# A EXPERIÊNCIA DA ESPERANÇA

Escolas Waldorf  
como catedrais do século XXI

Christopher Schaefer

São Paulo, dezembro 2019





# SUMÁRIO

O MUNDO MEDIEVAL E AS CATEDRAIS GÓTICAS .....	10
UMA ERA DE TRANSIÇÃO .....	14
COMUNIDADES DE ESCOLAS WALDORF COMO CATEDRAIS DO SÉCULO XXI .....	16
A ARQUITETURA FÍSICA, SOCIAL E PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS WALDORF .....	17
OS MISTÉRIOS DO SER HUMANO LIVRE NA EDUCAÇÃO WALDORF .....	20
O MISTÉRIO DO ENCONTRO HUMANO E DO CARMA .....	25
O MISTÉRIO DA VIDA FAMILIAR E COMUNITÁRIA .....	31
LER OS LIVROS DA NATUREZA E DA CIVILIZAÇÃO .....	39
O MISTÉRIO DA COCRIAÇÃO COM O ESPÍRITO .....	44
O MISTÉRIO DOS SERES HUMANOS LIVRES .....	51

O material aqui publicado foi gentilmente cedido por Chris Schaefer por ocasião do primeiro Encontro sobre Governança em Escolas Waldorf realizado pela Federação das Escolas Waldorf no Brasil em 2006. Estes textos são materiais de apoio ao Programa de Administração de Escolas Waldorf do Sunbridge College, em Spring Valley, N.Y, do qual Cris Schaefer é diretor e professor.

### Christopher Schaefer

*Atuou nas áreas de desenvolvimento organizacional e comunitário por vinte anos. Durante esse tempo, trabalhou uma variedade de clientes na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, incluindo a Kimberton Waldorf School, a Ford Motor Company, o Séneca College, Lamb Studios e muitos outros grupos. Antes de seu trabalho com o Social Ecology Associates, ensinava Ciências Sociais no Massachusetts Institute of Technology (M.I. T). Atualmente é membro do corpo docente do Sunbridge College em Spring Valley, N. Y. e diretor de seu programa de administração de escolas Waldorf e desenvolvimento comunitário. Também é membro-fundador da Envision Associates (um grupo de desenvolvimento organizacional na América do Norte), codiretor do Center for Organization and Community Development e diretor do Blackthorn Garden.*





## O MUNDO MEDIEVAL E AS CATEDRAIS GÓTICAS

Os 150 anos que separam os anos de 1130 e 1280 presenciaram o apogeu da civilização medieval. Foi a idade de ouro dos trovadores e o período em que *Parsifal* e *Lohengrin* foram escritos. Albertus Magnus, Tomás de Aquino, Santa Isabel e São Francisco estavam vivos, renovando a igreja com novos conhecimentos e nova devoção. As grandes ordens monásticas, os Cistercienses e os Dominicanos, estavam promovendo uma renovação na agricultura, na arte da cura e no ensino. Os Cavaleiros Templários davam segurança aos viajantes e criavam os fundamentos da economia e do sistema bancário modernos.

É um tanto difícil para nós sintonizarmos com a mente medieval e sentir o drama da salvação como o foco central da vida medieval. Como observou um historiador: os feitos de Deus ou do Diabo, ou da Virgem Maria, os estados de pecado e salvação, a expectativa pelo Reino dos Céus todos eles eram princípios vivos, que efetivamente estavam subjacentes e motivavam o mundo cristão.<sup>1</sup>

Durante a Alta Idade Média um impulso memorável de construção comunitária desabrochou: a construção das catedrais. Mais de 200 catedrais e inúmeras igrejas, abadias e mosteiros foram construídas entre 1130 e 1280. Na França, eram principalmente góticas, e na Alemanha, românicas e, mais tarde, góticas. As catedrais de Chartres, Paris, Amiens, Soissons; de Lincoln, Canterbury, Salisbury e Wells; de Colônia, Bonn e Ulm; e de Bruges e Antuérpia todas são originárias desse período. A atividade medieval de construção de catedrais e igrejas envolveu gerações e gerações de artesãos e absorveu mais de um terço do que hoje chamamos de Produto Interno Bruto (PIB). Não

---

1. TARNAS Richard. *The Passion of the Western Mind*. New York: Harmony Books, 1991, p. 169

há uma explicação adequada para tamanha explosão de criatividade. Painton Cowen, em seu trabalho sobre as rosáceas (janelas com vitrais), observou:

Apenas podemos constatar que algo impeliu pessoas de todas as profissões e classes a realizar um empreendimento que resultou em habilidades e inspiração de um nível raramente visto ao longo da história da humanidade, e que promoveu a união de comunidades inteiras ao longo de várias gerações.<sup>2</sup>

Kenneth Clark, em *Civilization*, assim descreve a reconstrução da catedral de Chartres:

Homens e mulheres vinham de longe, carregando pesadas cargas de provisões para os trabalhadores... vinho, azeite, grãos. Entre eles havia lordes e damas, puxando carroças, juntamente com os demais. Havia uma perfeita disciplina, e um profundo silêncio. Todos os corações estavam unidos e cada um perdoava seus inimigos<sup>3</sup>.

Assim, a velha igreja românica destruída por um incêndio em 1194 foi reconstruída com grande beleza e esplendor no novo estilo gótico, e a nova catedral de Chartres tornou-se um local de peregrinação internacional durante muitos e muitos séculos.

A construção de uma catedral gótica faz-se a partir da ogiva, do arco abobadado. Sua forma atua sobre o ser humano, ressaltando a retidão

---

2. COWEN, Painton; WINDOWS, Rose. *Thames and Hudson*. London; 1974, p. 12-13.

3. CLARK Kenneth. *Civilization*. London and NewYork: Harper and Row, 1969, p. 56.

e a verticalidade, e acentuando a experiência da individualidade. Richter, em *Art and Human Consciousness*, assim descreve os princípios arquitetônicos mais importantes do novo estilo gótico: “

A força-que-impulsiona-para-o-alto presente em suas colunas cresce e cresce para dentro de suas pesadas vigas, abala sua horizontalidade, tomando-as eretas e formando arcos pontiagudos.”<sup>4</sup> As paredes, por sua vez, são rompidas por luminosos vitrais, que representam os santos e a obra do Redentor. São janelas em direção ao além, ao espírito.

As catedrais representavam diversas coisas para as comunidades onde estavam localizadas e para os peregrinos que vinham de longe para visitar seus santuários. As catedrais, em primeiro lugar, eram locais de formação de adultos, ou escolas populares para o leigo, o homem comum. Por meio de rituais, imagens, esculturas e formas, elas retratavam o drama da salvação e o poder redentor do Cristo e dos santos.<sup>5</sup> Em segundo lugar, eram locais de celebração comunitária por intermédio das inúmeras festividades e da celebração dos sete sacramentos, culminando no sacramento da vida, a Santa Comunhão. Eram também locais de inspiração pessoal, onde os indivíduos leigos ou clérigos, nobres ou mendigos podiam ir para comungar consigo mesmo e com seu Deus. Ainda mais importante é que as catedrais eram um receptáculo, uma arca para a formação da consciência humana, em uma era de transição na história humana, uma era de equilíbrio entre as glórias do Velho Mundo e o novo mundo da ciência, da racionalidade e da consciência individual. Sua forma e conteúdo atuaram poderosamente sobre os indivíduos para gerar uma nova

---

4. RICHTER, Gottfried. *Art and Human Consciousness*. Great Barrington, Steiner Books/Anthroposophic press, 1985.

5. MÂLE, Emile. *The Gothic Image: Religious Art in France of the 13th Century*. New York, Harper Torchbook, 1958. Este trabalho excelente descreve detalhadamente como “as mais altas concepções teológicas e acadêmicas penetraram [...] as mentes das pessoas mais humildes através da Arte das catedrais.” (Prefácio, vii).

consciência da individualidade humana como ser responsável e divino.

A construção desses receptáculos para o espírito envolveu uma ampla parceria comunitária entre as diversas classes que compunham a sociedade medieval. O clero não somente era portador dos sacramentos da igreja, atuando como intermediário entre o mundo humano e o mundo espiritual, mas também fornecia a inspiração e os projetos para as catedrais, promovendo ainda o desenvolvimento de escolas e guildas<sup>6</sup> de ofícios, de modo que os construtores, pedreiros, escultores e artesãos dispusessem de habilidades para realizar um trabalho enorme, tanto em escala quanto em complexidade. As próprias guildas de ofícios atuavam como escolas de treinamento e comunidades de apoio, atraindo gerações de famílias que abasteciam esse grande empreendimento construtor com suas habilidades específicas. As ordens cristãs leigas, em especial os Cavaleiros Templários, coletavam fundos e faziam grandes doações de seus próprios recursos para promover a construção de catedrais em toda a Europa. A nobreza fornecia apoio financeiro e do estado, enquanto pessoas de todas as classes, nas cidades e no campo, doavam tempo e provisões para viabilizar a construção. Movidos por um poderoso espírito comunitário, esses grupos uniram-se para construir belíssimas obras de arte no centro de suas vilas e cidades, rivalizando, em termos de grandeza, com os antigos templos.

---

6. Associação de mutualidade constituída na Idade Média entre as corporações de operários, artesãos, negociantes ou artistas (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira).

## UMA ERA DE TRANSIÇÃO

As catedrais foram construídas em um período de transição histórica. Hoje, 850 anos mais tarde, estamos mais uma vez passando por tal período. A mente científica e técnica individualizada da cultura ocidental atingiu seu limite, apesar do poder aparentemente maciço das corporações, dos governos e das grandes universidades. Crescem as preocupações com o meio ambiente, a saúde, a educação e a justiça social e, com elas, o questionamento em relação aos valores materialistas subjacentes à nossa sociedade de consumo. A partir do início do século XX, atirado pelos horrores de duas guerras mundiais, um acordar psicológico e espiritual multifacetado está ocorrendo entre indivíduos e grupos espalhados por todo o mundo ocidental. Mais da metade dos adultos americanos afirma ter tido experiências religiosas ou espirituais, e mais de dez por cento encontram-se em um caminho sistemático de desenvolvimento interior, com base na oração e na meditação.<sup>7</sup> Um número cada vez maior de pessoas percebe a Terra como um ser vivo e sente necessidade de a humanidade conectar-se conscientemente ao divino.

Rudolf Steiner sugeriu que 1899 marcaria o fim da Idade das Trevas (Kali Yuga), um período de 5 mil anos durante o qual a humanidade precisou perder gradualmente sua conexão direta com a realidade espiritual, a fim de desenvolver uma maior consciência e liberdade individuais. Ele apontava para o século XX como o início de uma nova era, na qual experiências espirituais e o desenvolvimento de uma nova sabedoria espiritual seriam possíveis. Steiner valeu-se de sua própria clarividência e de sua formação em ciências e filosofia para elaborar uma ciência espiritual, insistindo em que os princípios das ciências naturais precisavam ser ampliados para incluir a investigação das realidades espirituais. Foi a partir dessa pesquisa que, em 1917-1918,

---

<sup>7</sup> FORMAN, Robert. *Grassroots Spirituality*. Charlottesville, Imprint Academic, 2004

ele apresentou uma imagem abrangente do ser humano como um ser tríplice, constituído por corpo, alma e espírito. Essa investigação do ser humano como ponte entre o espírito e a matéria e suas pesquisas minuciosas sobre a base fisiológica, psicológica e espiritual do desenvolvimento humano tornou-se a base para a educação Waldorf, apresentada pela primeira vez em 1919. Atualmente, esse movimento de escolas com mais de mil escolas, 1.400 jardins de infância e diversas instituições de formação de professores está presente em todos os continentes e atua em todos os principais grupos religiosos e étnicos. O currículo das escolas Waldorf está sendo cada vez mais adaptado às necessidades da educação pública nos Estados Unidos, incluindo escolas independentes (*charter schools*), escolas-ímãs (*magnet schools*) e projetos-piloto em Nova York, Milwaukee, Sacramento, San Diego, Detroit e outras cidades.

## COMUNIDADES DE ESCOLAS WALDORF COMO CATEDRAIS DO SÉCULO XXI

Por que escolhi a imagem da catedral para descrever a missão cultural da educação Waldorf em nosso tempo? A resposta está no papel crucial desempenhado pelas catedrais durante o período de transição da Alta Idade Média. Como assinali anteriormente, as catedrais representavam o ponto central da vida medieval, do anseio por salvação, e eram ao mesmo tempo um receptáculo para a construção da comunidade e para promover uma nova consciência individual. As comunidades de escolas Waldorf podem cumprir um papel cultural semelhante nesses tempos de transição em direção a uma nova consciência espiritual, mais ecológica e socialmente consciente. Contudo, para realizar isso, o movimento Waldorf necessitará aumentar a consciência e a articulação da sabedoria social e espiritual que ela incorpora. Esta articulação, esse decifrar implica em trazer à consciência os mistérios espirituais e sociais embutidos na educação, tal como a leitura dos significados da maravilhosa iconografia das catedrais góticas, onde cada estátua, janela, porta e coluna tinha seu significado específico. As ideias a seguir representam um esforço inicial, uma tentativa de iniciar esta sondagem na esperança de que outras vozes venham a acrescentar suas diferentes tonalidades e que possamos, juntos, descobrir as tarefas mais amplas da educação Waldorf para o século XXI.



## A ARQUITETURA FÍSICA, SOCIAL E PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS WALDORF

As catedrais medievais tinham uma arquitetura física maravilhosa, que apoiava a vida comunitária e expressavam em cor, forma e ritual o modo e a estrutura da visão de mundo medieval. As escolas Waldorf, quando construídas com propósito, também têm uma maneira singular de trabalhar com cor e forma e de adaptar-se à paisagem cultural e natural de seu entorno. As edificações de escolas Waldorf na Hungria, na Alemanha, no País de Gales, na Índia, no Brasil e no Canadá trabalham com diferentes materiais e estilos e, mesmo assim, representam, todas elas, tentativas de oferecer um espaço de valor e pleno de luz para nutrir a alma e o espírito das crianças.<sup>8</sup> Para muitas pessoas, entrar em um jardim de infância Waldorf pela primeira vez é uma experiência afirmativa e imponente. A beleza da sala, os panos coloridos, os objetos naturais, as pequenas mesas e cadeiras, e as imagens poéticas nos remetem à alma da primeira infância. Uma parte de nós anseia por mais uma vez entrar no reino mágico, brincar, ouvir contos de fadas e assar pão.

A arquitetura física apoia uma arquitetura social: a pequena comunidade representada pelo professor e seu grupo de alunos e a parceria entre professores, pais e administradores em prol do desenvolvimento das crianças. Por serem independentes de controle estatal, as escolas Waldorf também são instituições com uma vida espiritual livre, e não precisam satisfazer às inúmeras exigências educacionais ou burocráticas do país ou do estado.<sup>9</sup>

---

8. RAAB, Rex; KINGBORG, Arne. *Die Waldorf Schule Baut: Sechzig Jahre Architektur der Waldorf Schule*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1982.

9. As Escolas Waldorf estão inseridas no sistema educacional brasileiro a partir da promulgação da nova LDBEN, de 1996, que conferiu autonomia aos projetos/propostas educacionais diferenciados. Mesmo assim, tem que se cumprir minimamente as exigências legais, porém, sem a interferência nos aspectos

Considerando o relacionamento singular que existe entre o professor de classe, as crianças e os pais da turma, e a natureza formalmente não hierárquica e colegiada do processo de tomada de decisões entre professores e diretoria, podemos experimentar a qualidade intencional e formadora de destino das formas encontradas em escolas Waldorf. As catedrais góticas eram comunidades nas quais o clero, os artesãos, a nobreza e os cidadãos locais se reuniam para celebrar o mistério da salvação. As escolas Waldorf são comunidades de destino onde professores, pais, crianças, administradores e amigos se reúnem para celebrar os mistérios da encarnação humana e do desenvolvimento humano.

Além da arquitetura social das escolas Waldorf, há uma arquitetura pedagógica que se manifesta por meio do currículo ricamente artístico e minucioso, apropriado ao desenvolvimento da criança. Este currículo baseia-se numa imagem específica do desenvolvimento infantil, de um gradual desabrochar das capacidades físicas, psicológicas e cognitivas da criança. Essas percepções pedagógicas estão condensadas na expressão “educação de dentro para fora”, um slogan tão difundido em escolas Waldorf quanto os adesivos nos carros. Há uma grande variedade de material de pesquisa disponível em inglês!<sup>10</sup>, tanto sobre o currículo Waldorf, como sobre a visão do desenvolvimento infantil a ele subjacente.<sup>11</sup>

Dentro da forma física, social e pedagógica das comunidades de escolas Waldorf celebram-se os mistérios do ser humano como corpo, alma e espírito. Não mais se trata como na Idade Média de

---

curriculares, referendados pela FEWB.

10. N.T.: Para consulta aos títulos disponíveis em português, consultar o site da Editora Antroposófica. Disponível em: <[www.antroposofica.com.br](http://www.antroposofica.com.br)>.

11. Ver: STEINER, R. *The Child's Changing Consciousness as the Basis of Pedagogical Practice*; WILKINSON, Roy. *The Spiritual Basis of Steiner Education*. London: Rudolf Steiner Press, 1996; STOCKMEYER, Karl E. A. *Rudolf Steiner's Curriculum for Waldorf Schools*. London: Rudolf Steiner Press, 1969; HARWOOD, A.C. *The Recovery of Man in Childhood*. London: Hodden and Stoughton, 1958.

celebrar o drama da salvação, mas sim de celebrar a individualidade humana livre, como ser divinamente criado que, juntamente com os deuses, está se tornando um cocriador responsável. Essa celebração se dá por intermédio do reconhecimento em grande parte implícito e da prática do que denomino “os sete mistérios da educação Waldorf”.

## OS MISTÉRIOS DO SER HUMANO LIVRE NA EDUCAÇÃO WALDORF

Ao refletir sobre os mistérios que são diariamente representados nas escolas Waldorf, quero chamar a atenção para as sete atividades ou processos sacramentais que, juntos, creio constituírem a arte da educação. O primeiro deles é o mistério da encarnação humana e do desenvolvimento humano promovido por meio de uma educação adequada. Esse mistério envolve ajudar a criança individual como ser provido de alma e espírito a encarnar de um modo saudável em seu corpo físico. A individualidade humana é compreendida na educação Waldorf como sendo eterna, estando, antes da concepção e do nascimento, sob a guarda do mundo espiritual. Através do nascimento, como diz Rudolf Steiner, o ser humano desce como espírito-alma ou alma-espírito para uma existência terrena. Ele veste uma existência terrena.

Em *A Arte da Educação I*,<sup>12</sup> uma sequência de 14 palestras dadas por Rudolf Steiner aos primeiros professores Waldorf, ele afirma categoricamente:

A tarefa da educação, do ponto de vista espiritual, é promover a harmonia da alma-espírito com o corpo temporal. Esses precisam ser harmonizados e precisam sintonizar-se um com o outro, porque quando a criança nasce no mundo físico, eles ainda não se encaixam direito um no outro e é tarefa do professor harmonizar essas duas partes entre si.<sup>13</sup>

---

12. STEINER, R. *The Foundations of Human Experience*. New York: Anthroposophic Press, Hudson, 1996, p. 39. Em português: *A Arte da Educação I*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1988 e 1995.

13. *Ibidem*, p. 39.

Esse processo de harmonização inicia com o nascimento e prossegue até a vida adulta. Ele envolve essencialmente os pais e professores como guardiões da individualidade emergente.

A primeira fase deste processo de harmonização ocorre nos anos pré-escolares e, idealmente, é dedicada a oferecer um ambiente seguro, saudável e amoroso, no qual o corpo físico possa desabrochar de tal forma que ele possa carregar a alma, o potencial espiritual da criança em crescimento. Um ambiente seguro e amoroso é a base para a confiança e a criatividade na vida mais tarde, e um ambiente que merece ser imitado em termos de fala, ritmo, cor, forma e estado de espírito pode oferecer a primeira experiência do verdadeiramente humano. O poder da imitação é enorme, como os pais bem percebem quando o seu filho de quatro anos fielmente imita seus hábitos. Lembro de estar trocando as fraldas de minha pequena filha e vê-la mostrando a língua, imitando meu próprio gesto ao deparar-me com uma tarefa difícil.

É nestes primeiros anos que também ocorre o ficar de pé, o desenvolvimento da linguagem, o uso do eu, dando à jovem criança a base para sua singular existência humana. Em pré-escolas e jardins de infância Waldorf, a necessidade de brincar, de estar em segurança e de um ambiente que mereça ser imitado é respeitada, de modo que a importante atividade de desenvolvimento do instrumento físico, o corpo, possa acontecer de forma saudável. Durante os primeiros sete anos, a educação Waldorf reconhece que as crianças pequenas ainda carregam consigo um eco de seu passado espiritual, e que elas acreditam que o mundo é bom. Rudolf Steiner sugere que as crianças são uma raça humana que ainda acredita na moralidade do mundo, e, portanto, acreditam que podem imitar o mundo. É exatamente isto que é tão encantador e tão maravilhoso a respeito delas.<sup>14</sup>

---

14. Ibidem, p. 156.

Durante os primeiros sete anos, as crianças vivem na pós-luminiscência do passado. No segundo período de sete anos, elas vivem totalmente no presente. Este período pode ser corretamente descrito como o coração da infância, não apenas por estar no período intermediário da infância, mas também porque é durante esse período que se desenvolve a vida dos sentimentos (anímica) da criança. Também é durante esse período que as forças formativas inicialmente ativas na cabeça e as forças do despertar que animaram os membros da criança pequena encontram o sistema rítmico do coração e do pulmão. A.C. Harwood observa:

É uma idade de movimentos rítmicos livres. Pular, saltar, girar suas pernas enquanto sentam em altas cadeiras para adultos, correr com a mesma naturalidade do andar: as crianças exercitam seus poderes rítmicos praticamente em tudo que fazem.<sup>15</sup>

Por meio do trabalho com ritmo, e a partir da autoridade adulta amorosa do professor de classe, é possível cultivar um sentimento de admiração e reverência pelo mundo. Isso é bastante difícil na era dos vídeos, dos jogos de computador e do sarcasmo. Mas um sentimento de reverência e a percepção da beleza oferecem uma base saudável para o desenvolvimento da vida ou do corpo etérico durante o segundo setênio. Se nós, como professores e pais Waldorf, pudermos oferecer uma experiência de bondade e moralidade do mundo durante o primeiro setênio, e promover a reverência ao belo durante o segundo setênio, estaremos estabelecendo os fundamentos para a saúde física e psicológica na vida adulta.

---

15. HARWOOD, A.C. *The Recovery of Man in Childhood*, op. cit, p. 72.

Na medida em que as crianças entram na adolescência cada vez mais cedo em nossa cultura, há a ansiedade por empurrá-las para a vida adulta e o consumo, o que gera uma mudança marcante tanto na maturidade física como na consciência individual. Anteriormente fizemos alusão a um *insight* central de Rudolf Steiner sobre o desenvolvimento infantil, ou seja, que a criança cresce da cabeça para baixo e acorda de baixo para cima. A cabeça e o sistema nervoso de uma criança pequena desenvolvem-se primeiro; depois seu sistema rítmico e, por último, na adolescência, seu sistema metabólico-sexual-locomotor, com capacidade para reproduzir a sua própria espécie. Um movimento oposto de despertar ocorre a partir dos membros: o corpo do bebê, no qual ele tudo sente, move-se para o sistema rítmico coração-pulmão no período entre 7 e 14 anos, e então chega à autoconsciência e a uma nova capacidade cognitiva da consciência durante a adolescência. Hardwood descreve a adolescência como o clímax do processo de encarnação: “A criança alcança a última realização física, a capacidade de produzir sua própria espécie [...] e na puberdade [...] o início dos novos poderes mentais e a aparência de traços inesperados de individualidade.”<sup>16</sup>

Um professor de Ensino Médio, amigo meu, certa vez comentou que a adolescência é uma obra com uma placa que informa: “Em construção”. Às vezes você vê uma criança, às vezes um adulto e muitas vezes você não tem a mínima ideia com qual dos dois você está lidando. O que é plenamente visível são tentativas estranhas e dolorosas de encontrar sua própria individualidade, um novo senso próprio, uma nova capacidade perceptiva e cognitiva para compreender o mundo. Se na primeira infância tiver sido dado à criança um sentimento de bondade do mundo e da vida e, durante o segundo setênio, um apreço pela beleza, então nos anos do Ensino Médio poderá ser cultivado um sentimento de amor pelo mundo,

---

16. *Ibidem*, p. 170.

pela verdade e pelas leis da história, das ciências e das artes. Esse é um período no qual a concepção, como capacidade individual cognitiva e reprodutiva, torna-se disponível e manifesta-se uma futura orientação em direção à vida como adulto.

Em nossa cultura o jovem é considerado adulto aos 21 anos de idade. Essa consciência espelha o entendimento do ser humano incorporado na educação Waldorf, pois em torno dos 21 anos de idade a individualidade da pessoa, o ego, é percebido como conectando-se mais profundamente com o corpo físico, a vida e a alma que foi preparada ao longo da infância e da adolescência. É tarefa da educação Waldorf e dos professores e pais enquanto guardiões do indivíduo emergente, tornar esse processo de encarnação tão harmonioso quanto possível, de modo que cada criança possa desenvolver-se como um indivíduo livre, moralmente responsável e criativo. Apesar da imagem e da descrição de Steiner sobre o desenvolvimento humano até a idade adulta e a terceira idade serem bastante fascinantes e úteis, conduzindo ao trabalho de aconselhamento e à terapia biográfica, é a imagem do desenvolvimento infantil e adolescente que oferece as bases para o currículo Waldorf.



## O MISTÉRIO DO ENCONTRO HUMANO E DO CARMA

Cada escola Waldorf é uma comunidade de destino, o que significa que há uma qualidade intencional que reúne um grupo de crianças, professores e pais para iniciar uma nova escola, ou um grupo de dezessete crianças e um professor de classe de quarenta anos de idade para formar um terceiro ano. Essa qualidade intencional dos relacionamentos em uma escola Waldorf é vista como um reflexo da intenção pré-natal que reúne um grupo específico de crianças e pais com um grupo específico de professores e funcionários. Antes de nos voltarmos para as objeções que essas declarações podem naturalmente suscitar, permita-me discorrer brevemente sobre a perspectiva oferecida por Rudolf Steiner, que permeia grande parte da educação Waldorf.

Cada ser humano passa por diversas vidas terrenas, adquirindo experiência, consciência e discernimento. Ao final da vida, abandonamos nosso corpo físico, passamos por uma breve revisão ou retrospectiva de nossa vida, e entregamos nosso corpo anímico antes de realizarmos uma jornada pelo mundo espiritual, revisando e condensando nossa vida. Essa revisão é objetiva, no sentido de que nós experienciamos a nós mesmos como os outros ou como o mundo experienciou nossos pensamentos, sentimentos e feitos. Nós então destilamos esse aprendizado em nosso eu superior ou ego e tomamos a decisão de encarnar novamente. Inicia-se então a jornada da encarnação, tecendo uma tapeçaria de intenções de vida em conjunto com nossos parceiros de destino: aqueles pais e irmãos; estas experiências-chave; aquele outro professor de classe; estes colegas; parceiros; oportunidades vocacionais e limitações. Estamos tecendo um plano de vida que entra em nossos membros quando nascemos, desaparecendo da consciência, mas levando-nos com

uma precisão absoluta a nascer em uma cidade particular ou a um primeiro encontro com um amigo de toda a vida, durante as férias de verão aos quinze anos de idade. Ele também nos dá o presente de uma educação Waldorf ou de um professor severo, porém maravilhoso, na quarta série na escola pública.<sup>17</sup>

Como saber se essa imagem é real e não apenas uma fantasia conveniente? Podemos refletir a respeito de nossas próprias experiências de vida, nossa biografia e ver se podemos identificar padrões claros de destino, desde temas e desafios de vida até profundas amizades, ou talvez até mesmo quando encontramos alguém pela primeira vez e temos um sentimento de “Oh! Até que enfim, aqui está você! Senti sua falta e você sabe disso.”. Caso tenhamos uma tendência maior a filosofar, podemos ver se os ensinamentos sobre reencarnação e carma de Rudolf Steiner ou outros fazem sentido ou acrescentam profundidade e perspectiva às perguntas básicas sobre o sentido da vida. Por que sou uma mulher ou um sino-americano agora? Por que este acidente aconteceu quando eu tinha vinte e quatro anos de idade? Por que sou fascinado pela cultura egípcia? Em minha própria experiência, a perspectiva de reencarnação e carma nos empodera, nos ajuda a assumir a responsabilidade por nossas vidas, e nos orienta em direção a tentar aprender as lições principais desta encarnação.

Ainda que não haja uma prova conclusiva sobre a reencarnação e o carma, há um conjunto crescente de evidências pessoais e empíricas que os apoiam. Recentemente me deparei com dois livros interessantes e convincentes: *Old souls: the scientific evidence for past lives* (*Almas antigas: a evidência científica para vidas passadas*), de Tom Schroder, que analisa as pesquisas extraordinariamente detalhadas do doutor Ian Stevenson a respeito das lembranças de crianças a

---

17. STEINER, R. *Manifestations of Karma*, Rudolf Steiner Press. Em português: *As Manifestações do Karma*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1999

respeito de encarnações anteriores, e *Expecting Adam* (*Esperando Adão*), de Martha Beck, um relato memorável sobre suas experiências espirituais com seu filho deficiente, porém alegre e pleno de luz.<sup>18</sup>

Considerando que as comunidades de escolas Waldorf são permeadas por um sentimento de que cada escola é uma comunidade de destino de crianças, professores, pais e funcionários, como esse mistério se manifesta? Crucial é o relacionamento de longo prazo que se estabelece entre o professor de classe e a criança individual, um relacionamento reconhecido diariamente por meio do aperto de mão, pelo do sentimento de responsabilidade que o professor sente pelo bem-estar de cada criança e pelo trabalho meditativo individual que o professor realiza ao pensar sobre e imaginar sua classe.

Outro aspecto desse sentimento de destino mútuo é o compromisso assumido por professores e funcionários Waldorf de trabalharem suas próprias questões com as crianças, os colegas e os pais, ao perceberem cada encontro como uma oportunidade para crescer e aprender. Ainda que esse trabalho nem sempre seja bem-sucedido, fracassando às vezes devido a uma habilidade ou um compromisso limitados, é essencial para o funcionamento de uma comunidade escolar Waldorf.

Como sugerido anteriormente, a intensidade das relações de trabalho nas escolas Waldorf dá a cada um de nós a oportunidade de encontrar nossos aspectos não transformados, nossa sombra, ao mesmo tempo que nos oferece a possibilidade de aprendermos a cuidar e amar. O reconhecimento de que somos parceiros de destino na escola é promovido pela natureza colegiada, não hierárquica da tomada de decisões e da colaboração entre professores, pais, e funcionários, em prol das crianças. Também é verdade que o trabalho não é fácil, que na verdade ainda não aprendemos a apreciar o

---

18. SCHRODER, Tom. *Old Souls: The Scientific Evidence for Past Lives*. NY: Simon and Schuster, 1999; BECK Martha, *Expecting Adam*, NY: Times Books, 1999

espinho em nosso flanco e que, no todo, ainda não desenvolvemos um sentimento consciente, detalhado e vivo de nossas conexões de destino com os outros. Estamos no início da jornada para compreendermos, aceitarmos e assumirmos a responsabilidade por nossas relações de destino. O fato de sermos incentivados a fazê-lo, a praticar o mistério do encontro humano, é uma das bênçãos de se fazer parte de comunidades Waldorf hoje.

Rudolf Steiner descreve ainda um outro aspecto do mistério do encontro humano e do carma. Ele sugere que, no futuro, todos os encontros humanos irão adquirir uma qualidade sagrada.<sup>19</sup>

Já desconfiávamos disso naqueles momentos abençoados, quando experimentamos um pouco da essência espiritual do outro. Essa experiência de graça e mútuoabençoar por meio do encontro humano irá tornar-se uma experiência da alma e do espírito, tão forte e nítida que irá substituir o papel da igreja como oportunidade de culto. Praticar as qualidades sagradas da conversação e do encontro é outra destas oportunidades a nós oferecidas pelas escolas Waldorf e por outras instituições de base espiritual.

Percebo três níveis de experiência que resumem as oportunidades que os encontros humanos e as conversações oferecem às pessoas nas escolas Waldorf e nas comunidades intencionais. A primeira é a experiência de como, na conversa entre duas ou mais pessoas, algo único e novo pode surgir, que não existia antes nas mentes e nos corações de qualquer um dos participantes. Esse processo de criação conjunta, ainda que difícil às vezes, também é imponente. A segunda experiência é como, por intermédio dos outros, somos ajudados a perceber melhor nosso próprio potencial: pelo encontro e por ter de trabalhar em nossos aspectos não transformados e difíceis (o espelho), sendo incentivados a compreender, cuidar e amar a singularidade do outro (o convite).

---

19. STEINER, Rudolf. *Manifestations of Karma*. Idem acima.

Frequentemente trabalho com resolução de conflitos em escolas e outras instituições e percebo que, neste trabalho, trata-se de reconquistar a humanidade uns dos outros. Isso significa confrontar-se com a maneira como enquadrei, distorci, simplifiquei e projetei meus próprios conteúdos, não percebendo as necessidades e virtudes do outro. Há pouco tempo tive a experiência de alguém que havia sido muito magoado por outra pessoa virar-se para trás e pedir-lhe perdão, agradecer-lhe pela grande lição de verdade que o relacionamento deles lhe havia oferecido. Isso foi feito com tanta elegância e humildade que nos deixou estupefatos, criando um momento de pura bênção. O entendimento e o perdão mútuos compartilhados nessa situação apontam em direção ao terceiro nível de experiência permitido pelas relações humanas em comunidade: a possibilidade de aliviar a carga de endividamento mútuo, de trabalhar por meio de nosso destino mútuo em direção a um espaço mais livre e mais amoroso. Uma forma de abordar essa possibilidade é dada no comovente livro de Claire Blatchford, *Friend of my heart: meeting Christ in everyday life* (*Amigo do coração: encontrando Cristo no cotidiano*). Na seção sobre o respirar, ela diz: <sup>20</sup>

*Inspire a luz da verdade,  
expire a luz do amor.  
Verdade de fora,  
Amor de dentro.*

Eu havia lido essa parte do livro há alguns meses quando chamaram minha atenção para o fato de que eu havia, inadvertidamente, magoado um colega. Enquanto ouvia uma terceira pessoa falando a respeito, repassei mentalmente toda minha rotina

---

20. BLATCHFORD, Claire. *Friend of my Heart*. Hudson, Lindisfarne Books, 1999.

interna de queixas e culpas, encontrando inúmeros motivos pelos quais eu poderia facilmente ignorar essa situação e essa pessoa. Mas quando eu estava praticamente deixando o fato para trás, lembrei da frase: “Inspire a luz da verdade, expire a luz do amor”. Então eu disse a mim mesmo: suponhamos que essa pessoa na verdade esteja lhe fazendo um favor? Suponhamos que se trata de seu eu superior trabalhando por intermédio dele, tentando ensinar-lhe algo? Não é fácil confrontá-lo: você é grandalhão e, às vezes, muito enfático e falante; portanto, é necessário ter coragem para enfrentá-lo. Por meio desse tipo de reflexão e do reconhecimento de que as queixas eram bastante justificadas, consegui sentir-me grato em relação à pessoa e ao ocorrido, de modo que, quando nos encontramos para conversar a respeito, a conversa foi proveitosa, animada e amorosa. Permitiu que ambos avançássemos e pudéssemos ver e reconhecer nossa própria natureza humana e nossas limitações. Cada vez mais torna-se possível, nas relações humanas, substituir a hostilidade e a vingança. Trabalhar os mistérios do encontro humano e do carma na vida social e nas comunidades Waldorf é o melhor caminho para avançarmos em nossos ideais de paz, e de realizarmos a década de paz (2000 - 2010) proclamada pelas Nações Unidas.

## O MISTÉRIO DA VIDA FAMILIAR E COMUNITÁRIA

Mais uma vez voltamos à pergunta que estava no cerne de nossas reflexões neste livro: como podemos, como indivíduos, criar famílias e comunidades que honrem o ser humano, o espírito e a terra? Iniciamos nossa jornada observando que o mundo humanamente criado, o mundo das conversações, famílias, escolas, lojas, cidades e nações cada vez mais substitui o mundo natural como foco principal de nossa experiência. Nós nos tornamos deuses, criando um novo mundo, um novo universo, com poder de promover ou destruir a vida. A energia atômica, a manipulação genética, o mundo da inteligência artificial e do ciberespaço são as expressões mais marcantes desse novo poder e dessa nova responsabilidade. Mas é nosso reino cotidiano a família, a escola, a comunidade que nos fornece o campo de treinamento para nossa criatividade e responsabilidade social.

Exploramos a natureza intencional e cármica da vida familiar e escolar. Essa atenção aos fundamentos pode nos conduzir no sentido de levarmos a sério toda a nossa vida relacional e a praticarmos o cuidado, a consciência e os valores de servir ao próximo em relação a nossos parceiros, nossos filhos e aos demais membros de nossas comunidades de trabalho e escola. Isso é especialmente verdadeiro em relação ao nosso relacionamento com nossos filhos. Como professores, somos os guardiões de sua saúde e de seu desenvolvimento, e é necessário que estejamos sempre atentos à grande tarefa que temos de ajudá-los a realizar o *seu* potencial, não o *nosso* potencial. Na medida que as crianças crescem em direção à adolescência, seus amigos e seus interesses começam a divergir significativamente dos nossos. Iremos apoiá-los na exploração, às vezes dolorosa, dessa crescente independência ou iremos insistir em

nossos valores, nossas verdades, e nossas escolhas profissionais?

Escolas Waldorf apoiam um entendimento mais profundo desse papel dos pais como guardiões ou servidores de diversas formas. Ao articularem a rica imagem do desenvolvimento infantil que é o coração da pedagogia, e ao oferecerem aos pais *insights* sobre as necessidades, os desafios e as oportunidades de desenvolvimento de uma criança de três, nove ou quatorze anos, a educação Waldorf ajuda a acordar um profundo interesse em nós em relação à infância e à natureza singular de cada indivíduo.

Apesar dos relacionamentos e da vida familiar serem os blocos mais básicos na construção de nossa sociedade, nossa cultura faz muito pouco para apoiar a ambos. De fato, grande parte da vida moderna com sua insistente pressão de tempo, seus valores consumistas, sua cultura de mídia pode ser percebida como um assalto sistemático a nossas crianças e famílias. Escolas Waldorf oferecem um contrapeso consciente ao promoverem uma nova educação centrada na criança, e a possibilidade de uma nova cultura familiar.

Se abordada conscientemente, a construção de famílias, escolas e comunidades pode ser vista como uma forma moderna de construção de templos. As famílias, como as escolas e, na verdade, todas as instituições têm uma biografia, uma história; tem um corpo, uma alma e um espírito. Para uma família, o corpo é o ambiente do lar; a alma é a qualidade particular dos estados anímicos, os rituais e a natureza das relações entre os membros da família; enquanto o espírito é o ser, o anjo que carrega e inspira a família ao longo do tempo. A educação Waldorf apoia ativamente a cultura familiar ao enfatizar a beleza e a adequação do ambiente físico. Ela apoia a vida da alma ao enfatizar as festas do ano e a importância de rituais diários, tais como fazer pão, jardinagem, e uma refeição conjunta. Ela também apoia a vida espiritual ao incentivar a música, as artes e a conversação como atividades compartilhadas no lar. Além disso, torna possível uma comunidade de apoio entre as famílias, criando



um fórum onde questões como televisão, roupas da moda, disciplina ou dificuldades com leitura podem ser exploradas.

Escolas Waldorf também alimentam a vida espiritual das famílias ao apontar para a importância da reverência, da oração e do desenvolvimento interno e para a necessidade de celebrações conjuntas de aniversários, bodas e festas. É por meio destas atividades que damos sustentação ao ser da família e nos revigoramos. Para as escolas Waldorf, apoiar a vida familiar é um objetivo vital, mesmo que secundário, da educação das crianças. Grupos tais como *Aliança para a Infância* e *Lifeways* tornaram-na sua prioridade.<sup>21</sup> Esse pode também tornar-se um importante foco de atuação para a Associação de Pais de uma escola.

Apoiar o desenvolvimento de uma nova cultura familiar, mais consciente, é uma necessidade vital de nosso tempo, e é uma base essencial para uma educação de qualidade. Com demasiada frequência esperamos que as escolas, em especial os professores Waldorf, compensem nossas próprias limitações como pais. A reforma e a excelência educacional não serão alcançadas sem uma renovada ênfase, compreensão e prática de um lar e de uma vida familiar saudáveis. Acredito que não alcançaremos isto por meio de uma moralização ou de um retomo a valores tradicionais, mas somente pela prática e exploração conjuntas, em uma comunidade mais ampla, em que adultos e crianças tenham o cuidado sempre presente. As escolas só podem oferecer o contexto para essa renovada ênfase na vida familiar, mas o esforço de apoiar e enriquecer o lar e os relacionamentos deve vir dos próprios pais. Reconhecer a natureza sagrada dos relacionamentos, de ter filhos e de construir um lar e uma família é um começo. Compartilhar a luta e o aprendizado de construir famílias como comunidades é um trabalho novo e essencial

---

21. QUERIDO, Rene. *The Esoteric Background of Waldorf Education: The Cosmic Christ Impulse*. CA: RSC Press, Fair Oaks, 1995, p. 26.

para o futuro.

Se os lares e as famílias representam o primeiro espaço para treinarmos nossa criatividade e responsabilidade social, então as escolas e as demais organizações vêm logo a seguir, já que os adultos que trabalham gastam mais de 60% de seu tempo de vigília no emprego. Todas as organizações são uma teia de relacionamentos. Uma condição importante para honrarmos nossas responsabilidades no decorrer do processo de criação social é promovermos formas organizacionais e comunitárias que acordem os interesses, a participação e a responsabilidade dos participantes daquele empreendimento em particular. Todas as organizações e comunidades são parcerias no caso das escolas, existe uma parceria entre professores, pais, administradores e a comunidade, em nome das crianças; no caso de empresas, há uma parceria entre administradores, trabalhadores, clientes e investidores. Estamos permitindo que a política e o direito divino do capital (acionistas) pervertam nossa busca por soluções organizacionais justas e criativas, que representem os verdadeiros interesses dos seres humanos. Mas as coisas estão mudando. O rápido crescimento de instituições tais como os projetos de Agricultura Apoiada pela Comunidade (Community Supported Agriculture CSA), que unem agricultores e consumidores; as escolas Waldorf, que incorporam os princípios da parceria; as escolas localmente administradas; os empreendimentos comerciais cooperativos e as empresas de propriedade de funcionários, todas são um sinal de um novo despertar em direção à responsabilidade social e espiritual e à novas formas de parcerias.

Se quisermos abordar a construção de comunidades e organizações de forma consciente, é importante reconhecer que as organizações, como todos os seres humanos e famílias, têm um corpo, uma alma e um espírito. O corpo pode ser percebido como o prédio, as máquinas, a tecnologia, o processo de trabalho; a alma são as qualidades e valores expressos nos relacionamentos, tanto

internos como externos; e o espírito se expressa na forma da missão e biografia únicas da instituição.

Mais do que isso, as instituições são a expressão das qualidades psicológicas e espirituais humanas e sempre representam o domicílio de seres espirituais. De fato, as organizações de todos os tipos são o equivalente moderno das grutas sagradas dos tempos antigos. São os espaços onde os deuses agora vivem e atuam. Os seres espirituais positivamente atuantes hoje desejam cocriar o mundo social com os seres humanos. Nossa parte nesse processo de cocriação é cuidar para que a comunidade ou instituição continue se desenvolvendo e tenha corpo, alma e espírito saudáveis.

Esclarecer como sua escola ou comunidade atende às necessidades humanas é uma forma de vivificar o espírito. Qual é a missão e quais são seus principais objetivos? Isto pode ser feito por meio de uma clara articulação dos princípios da pedagogia Waldorf, de um planejamento a longo prazo, um processo de busca do futuro, ou por revisões periódicas sobre onde vocês estão e para onde desejam ir. Uma qualidade crucial de qualquer processo deste tipo é percebê-lo como uma oferenda às comunidades humanas e espirituais às quais a instituição serve e, portanto, convidar os pais, clientes ou interessados a participar do processo.

Outra forma de reconectar-se à identidade espiritual de uma organização é celebrar a história da instituição em seu 10º ou 15º aniversário ou criar um mito ou uma história que expresse a jornada de sua escola. Compartilhar versos, pensamentos importantes ou aspirações entre colegas também revigora nosso sentido de propósito e é uma fonte de alimento para o mundo espiritual. Talvez a forma mais importante de alimentar a identidade espiritual de escolas Waldorf seja por meio de um estudo vivo e compartilhado sobre a criança e a pedagogia.

A vida anímica das escolas e de outras organizações expressa-se pela qualidade dos relacionamentos formais e informais, das

políticas e da natureza das relações e da tomada de decisões. Existe confiança? As dificuldades são trabalhadas de forma aberta? A tomada de decisões é transparente? Trabalhar conscientemente a vida anímica das escolas Waldorf significa avaliar o estado da escola como comunidade. Significa articular os princípios e as formas de governança em um plano de governança, de modo que a natureza da parceria entre professores, pais, diretoria e pessoal administrativo esteja clara e seja mutuamente compreendida.

Outra maneira de dar forma à vida anímica de um grupo ou escola é articular as expectativas que temos uns dos outros em nossos relacionamentos, como princípios a serem praticados. Em reuniões do colegiado de professores, por exemplo, isto pode significar ser pontual, vir preparado, ouvir e participar ativamente, buscar bases comuns, respeitar o sigilo, tomar decisões por consenso, e aprender pela revisão em grupo. Acordos acerca de tais práticas podem ser periodicamente utilizados para revisar as reuniões: Como estamos caminhando nestas práticas? O que está funcionando bem e o que precisamos enfatizar mais?

As celebrações e eventos conjuntos, sem uma agenda funcional, também são uma parte importante da formação da vida anímica de todas as instituições. Eu estava trabalhando com o conselho e o colegiado de uma faculdade e fomos todos jogar boliche. As risadas e a alegria resultantes ainda estão vivas na memória coletiva daquele grupo, apesar de muitos anos terem se passado desde então.

Na Threefold Community, em Spring Valley, Nova York, onde vivo, de vez em quando realizamos bailes e eventos para toda a comunidade, dos quais todos participam: das crianças do 6º ano até os avós. Essas atividades nutrem nossas relações na medida que usufruímos da companhia uns dos outros.

Contribuições mensais, salários e benefícios muitas vezes são fonte de discórdia em escolas Waldorf e em outras organizações. Os arranjos financeiros entre os interessados ou parceiros em uma

escola ou outra organização afetam os relacionamentos e a vida anímica da escola de uma forma importante. Essas políticas são transparentes e foram acordadas mutuamente? Elas são aplicadas de forma justa, ou há tantas exceções que a maioria das pessoas se sente menosprezada? Mais importante ainda: as pessoas conseguem viver dignamente ou os sacrifícios financeiros feitos pelos professores e pela administração são tão grandes que eles estão se endividando cada vez mais para poderem honrar os compromissos que assumiram com a educação Waldorf? Ainda que não haja respostas fáceis a essas perguntas, eu diria que oferecer uma base financeira apropriada de salários, benefícios e aposentadoria precisa ter uma alta prioridade em escolas Waldorf estabelecidas e em outras organizações sem fins lucrativos.

Nas escolas Waldorf falamos muitas vezes a respeito de salários baseados em necessidades e gastamos horas sem fim em discussões sobre os detalhes de uma tal política, mas, na maior parte dos casos, ninguém tem suas necessidades financeiras atendidas. Ao longo do tempo, isso mina o próprio idealismo que trouxe as pessoas para a educação Waldorf ou para o trabalho em entidades sem fins lucrativos. A pergunta sobre como oferecer uma base apropriada é complexa e difícil numa cultura que não apoia a livre escolha educacional, nem oferece subsídios para escolas privadas. No momento, não vejo alternativas, além do pagamento de mensalidades e do recebimento de doações por parte de indivíduos e grupos como principal fonte de receita para as escolas Waldorf nos Estados Unidos. Isso significa que as escolas particulares Waldorf estão e continuarão de fato disponíveis, em grande parte, apenas para as crianças de classe média e alta.

Ao nos voltarmos para o corpo da escola ou da comunidade, as escolas Waldorf cada vez mais conseguem adquirir ou edificar prédios escolares que refletem a filosofia e os valores da pedagogia. A San Francisco Waldorf School; a City of Lakes Waldorf School, em

Minneapolis; a Hartsbrook Waldorf School, em Hadley, Massachusetts ou a Pine Hill Waldorf School, em Wilton, New Hampshire: todas têm prédios bastante diferentes, mas cada escola é capaz de expressar sua identidade e seus valores de forma que faça sentido, criando um ambiente belo e harmonioso, que faça jus à educação.

Construir famílias e comunidades saudáveis ainda não é algo que façamos bem ou de forma consciente. Esse ainda é um território novo, cada vez mais livre da tradição e mais aberto à experimentação e à aprendizagem conjunta. Que possamos nos engajar nessa prática com outras pessoas e com os seres espirituais é uma grande oportunidade e um grande desafio, pois aí nos deparamos com nossas limitações e somos convocados a amar e cuidar.

## LER OS LIVROS DA NATUREZA E DA CIVILIZAÇÃO

Os dois próximos mistérios celebrados na educação Waldorf estão fortemente enraizados no currículo dos doze anos escolares. René Querido, ao descrever o contexto esotérico da educação Waldorf, sugere que o currículo pode ser dividido em duas partes principais: aprender a ler no livro da natureza e compreender o livro da civilização ou a história das atividades humanas.<sup>22</sup>

O primeiro diz respeito ao desenvolvimento de uma relação viva com os reinos da natureza, com a terra viva, com o cultivo da terra e com as atividades manuais e, a partir do 5º ano, cada vez mais com as ciências naturais. A compreensão do livro da história é promovida por meio do desdobramento gradual do fluxo da história humana, valendo-se de uma abordagem calcada fortemente na biografia, de modo que as crianças experienciem não somente a evolução da consciência humana, na medida em que ela se conecta à sua própria sensibilidade em mudança, mas que também possam identificar-se com as lutas e as realizações das grandes personalidades. No 1º ano, os contos de fadas e os contos tradicionais espelham a consciência na evolução da criança. Os contos de fadas dos tempos antigos eram importantes por conterem uma sabedoria antiga, as lições morais e a sabedoria prática de nossos ancestrais, como diz Harwood.<sup>23</sup> No 2º ano, os contos de fadas mais antigos sejam europeus, celtas, chineses ou africanos são complementados por fábulas como as de Esopo ou lendas que levam as crianças do mundo arquetípico para a percepção de qualidades humanas na natureza e no relacionamento dos seres

---

22. HARWOOD, A. C. Op. cit., p. 98.

23. Ibidem, p. 98.

humanos com a natureza.

No 3º ano, as histórias do Antigo Testamento, Noé e os animais ou Davi e Golias, são complementadas por lendas de outras tradições, como as dos nativos americanos, que apresentam uma imagem da perda da inocência do ser humano, a queda do Paraíso. Ao se ocuparem com esses conteúdos imaginativos nas artes na pintura, na modelagem, no movimento e na elaboração dos livros da aula principal as crianças desenvolvem a memória e um senso de beleza.

No 3º ano, a leitura do livro da natureza é experimentado no bloco sobre o cultivo da terra, no cuidado com os animais e no viver com os ciclos das estações da natureza: plantar, nutrir e colher. O bloco sobre construção do 3º ano envolve não somente a confecção de abrigos, mas a exploração de casas feitas a partir de diferentes materiais: iglus, estruturas de adobe e choupanas de junco. Esse exercício oferece uma imagem e permite experimentar como aquilo que é recebido da Natureza dos deuses é transformado pela atividade humana em necessidades básicas de vida: alimento e abrigo.

No 4º ano acrescenta-se a história e a geografia locais, com confecção de mapas e exploração do território, com histórias da mitologia nórdica sobre a criação, nas quais os deuses têm sentimentos bastante humanos.

Podemos perceber que, com a introdução ao livro da natureza, começamos a nos direcionar para as ciências: botânica no 5º ano; mineralogia no 6º ano; mecânica, física e astronomia no 7º ano e química e fisiologia no 8º ano. Nesses quatro anos as crianças também são introduzidas ao grande fluxo da civilização: da antiga Índia, Pérsia e Egito, no 5º ano, até Roma, o Cristianismo e a Idade Média, no 6º ano; o Renascimento e a era das grandes descobertas, no 7º ano, às revoluções do século XVIII até o presente, no 8º ano.

Rudolf Steiner resumiu a essência do currículo Waldorf ao afirmar que a educação deveria nutrir a criança pequena, animar as turmas



de anos intermediários e acordar os alunos do Ensino Médio.<sup>24</sup>

Numa visão geral sobre o currículo, editada por Martyn Rawson e Tobias Richter, a tarefa central do Ensino Médio é descrita como ajudar os jovens a experienciar a pergunta: o que preciso fazer para ser útil à sociedade?<sup>25</sup> Isso envolve ajudar os jovens a descobrir sua individualidade, aprofundando o poder da observação e do julgamento, desenvolvendo um senso moral e ético, adquirindo habilidades e competências em uma série de assuntos e tornando-se ativamente engajado perante o mundo e seus desafios. O que foi apresentado de forma mais imaginativa nas séries iniciais e mais artisticamente nas séries intermediárias, agora é apresentado como fenômeno, com mais ênfase à interpretação e à compreensão dos alunos individuais.

No 9º ano o foco retorna à história moderna, com uma análise minuciosa das revoluções industrial, tecnológica e social dos séculos XIX e XX. As realizações e os desafios da era moderna são abordados. Nas ciências ensina-se mineralogia, meteorologia e conceitos iniciais de química orgânica.

Uma recapitulação da evolução histórica é realizada entre o 10º e o 12º ano, começando com as culturas antigas no 10º ano e terminando com uma olhada nos sistemas econômicos e políticos modernos no 12º ano.

Nas ciências, química e bioquímica, fisiologia, física, botânica e uma matemática cada vez mais complexa são ensinadas a partir do 10º ano, de modo que, ao formar-se, o aluno não somente tenha uma relação viva com a terra, mas também com o mundo analítico e tecnológico da ciência e matemática modernas.

---

24. Quoted in Querido, op. cit.

25. RAWSON, M.; RICHTER, T. *The Educational Tasks and Content of the Steiner Waldorf Curriculum*. Forest Row: Steiner Waldorf Schools Fellowship, p. 52, 2003.

O esboço do currículo certamente não faz jus a como o tema da aula principal é ensinado, nem revela a imaginação viva subjacente na educação, que pode ajudar a transformar a leitura do livro da natureza e do livro das civilizações em sacramentos, algo imponente e, ao mesmo tempo, positivamente vivo. Permita-me voltar a uma atividade descrita no primeiro capítulo, por uma analogia. Ao acendermos velas antes de uma refeição, geramos sobre a alma um efeito bastante diferente do que aquele provocado por uma refeição feita às pressas e ao redor de uma mesa ruidosa. Se as crianças são primeiramente introduzidas às maravilhas da natureza, de forma imaginativa, e veem que os presentes da natureza são presentes dos deuses, conforme retratado nos mitos e nas lendas antigas, e depois disso experienciam como os seres humanos dão forma a esses presentes dos reinos mineral, vegetal e animal por meio da agricultura, das artes e do trabalho manual, então elas terão uma relação interna diferente com o mundo quando trabalharem com as disciplinas da ciência moderna no Ensino Médio. Elas terão a percepção de que a natureza é a face de um grande Ser e que a humanidade precisa ser um guardião responsável daquilo que lhe foi dado. Sem tal orientação, promovida pelo currículo nos anos iniciais e intermediários, a natureza e o mundo poderão ser percebidos como um armazém a ser saqueado ou profanado para apoiar nossas opções e estilo de vida.

Ao atingir uma compreensão mais profunda da história, da história das civilizações, uma escolha semelhante torna-se evidente. Um aspecto do meu trabalho no Sunbridge College é conhecer muitos alunos que têm um senso limitado da história e que detestavam o processo de memorização de datas e fatos. Para eles, o currículo de história não era o desabrochar de uma grande jornada da humanidade de um estado de dependência, de viver no colo dos deuses, em direção a uma crescente independência e responsabilidade ao longo dos milênios. Tampouco foram

incendiados pelas aventuras de Odisseu, pela grandeza de Alexandre ou pelas divagações de Copérnico. Em escolas Waldorf a história é um assunto divertido e empolgante, onde é celebrada a evolução da humanidade a partir de uma consciência coletiva incrustada nos ciclos da natureza até a autoconsciência individualizada do presente. A experiência dessa jornada, tornada vívida pelas artes dramáticas, da literatura e das artes, não apenas desenvolve nos alunos o amor pela história, como também a confiança na evolução da humanidade e uma atitude positiva em relação às suas próprias vidas. Aprender a ler no livro da natureza e no livro das civilizações, portanto, são dois mistérios essenciais celebrados nas escolas Waldorf, que oferecem as bases para uma nova cultura.

## O MISTÉRIO DA COCRIAÇÃO COM O ESPÍRITO

Em 1923, Rudolf Steiner deu a Ralph Courtney, um repórter americano do New York-Herald Tribune, um jornal da época, uma meditação denominada *Threefold* ou *America Vêrse* (Trimembrado ou Poema para a América).

*Que nossos sentimentos penetrem no âmago de  
nossos corações  
E busquem, em amor unir-se aos seres humanos que  
compartilham das mesmas metas  
E com seres espirituais que, portadores de graça  
E fortalecendo-nos a partir dos reinos de luz  
E iluminando nosso amor,  
Pairam seu olhar aqui embaixo, sobre nossos  
intensos e sinceros esforços.*

Esse poema capta um aspecto essencial de nosso trabalho de construção de comunidades de escolas Waldorf: o contínuo processo de criação entre seres humanos e espirituais.

Vaclav Havel aponta para a realidade desse processo de cocriação ao conchamar a todos para a consciência da ordem secreta do cosmo e sugere ser importante considerarmos a possibilidade de sermos contemplados do alto.<sup>26</sup> Quando o professor reflete a respeito das necessidades e circunstâncias de uma criança individual ou quando um grupo de professores abraça dentro de si uma criança que perdeu seu pai ou sua mãe, eles estão buscando conectar-se tanto à alma e ao espírito da criança quanto ao anjo da guarda da criança. Quando

---

26. HAVEL, Vaclav. *Summer Meditations*. New York: Alfred A. Knopf, 1992, p. 6.

um professor de classe prepara a aula do dia seguinte e pensa no que a turma precisa para compreender melhor as frações, ele ou ela busca a orientação dos seres espirituais que acompanham a criança e toda a sala em seu desenvolvimento. Se essa busca por orientação estiver conscientemente vinculada a uma pergunta, então um *insight*, história ou exemplo muitas vezes lhe é oferecido.

Quando uma comunidade escolar está enfrentando um desafio sério como, por exemplo, a busca por uma nova sede e o Colegiado de Professores e a Diretoria pedem orientação ao Ser da escola, é minha experiência, a ajuda irá chegar. Tal assistência raramente acontece na forma de uma grande iluminação sentida por todos, mas sim surge na forma de um pensamento ou frase compartilhada por algumas poucas pessoas, que ressoa em todo o círculo, ou de um telefonema dois dias mais tarde ao administrador da escola, de alguém descrevendo um possível local no qual ninguém havia pensado até então.

Outro diálogo frequente com os seres espirituais acontece na pré-escola, quando uma turma visita um riacho entre rochas ou constrói uma cabana numa floresta. As crianças muitas vezes relatam terem visto um gnomo ou que ouviram o espírito da água, fazendo comentários casuais sobre sua consciência natural dos espíritos da natureza.<sup>27</sup>

Essa noção da cocriação com toda uma legião de seres espirituais pode parecer fantasiosa para alguns, mas o que são a oração e a meditação se não esforços para estabelecer um diálogo com o nível espiritual da existência? A diferença é que no trabalho de Rudolf Steiner, como em muitas outras tradições espirituais, há uma multidão de seres e forças espirituais ativamente engajada em ajudar a formar a atividade humana e terrena. Assim, a questão do diálogo

---

27. Ver: PAGACNIK, Marko. *Nature Spirits and Elemental Beings*. Scotland: Findhorn Press, Forres, 1995; e também SPOCK, M. *The Art of Goethean Conversation*. Spring Valley, NY: St. George Publications (agora disponível pela Rudolf Steiner College Press, Fair Oaks, CA), 1978, p. 5.

com o espírito torna-se um diálogo e uma pergunta: que espírito, que tipo de diálogo e como podemos discernir entre uma orientação e as múltiplas impressões que recebemos?

A filosofia espiritual ou cosmogonia de Rudolf Steiner obviamente não é ensinada como conteúdo nas escolas Waldorf, mas a educação está claramente baseada em uma imagem espiritual do ser humano e da evolução da terra. Quando construímos escolas Waldorf somos solicitados a considerar a possibilidade de uma relação nova, mais consciente com o anjo da criança, com o espírito de uma família, ou com o ser da escola, e somos convidados a praticar estar em diálogo com o mundo-espiritual por meio das festas e de inúmeras outras atividades escolares.

É verdade que nossa habilidade e nosso entendimento desta co-criação com o espírito ainda são limitados. Contudo, muitos professores, pais e amigos da educação Waldorf compartilham um sentimento de que nós vivemos em um período da evolução humana em que um novo diálogo consciente com o mundo espiritual não apenas é possível, mas necessário. Minha própria experiência sugere que seres e forças espirituais de atuação positiva estão extremamente ansiosas para estabelecer um novo relacionamento com a humanidade ou, como sugere Marjorie Spock, o mundo espiritual além do umbral deseja intensamente ser conhecido, tanto quanto desejamos conhecê-lo.<sup>28</sup> Isso exige que desenvolvamos uma nova sensibilidade e que conscientemente nos voltemos para o mundo espiritual em busca de orientação e *insight*.

Há alguns anos fui solicitado a dar uma palestra no New York Open Center, um grande centro de educação de adultos em Nova York, sobre “O trabalho com os anjos”. Hesitei um pouco, uma vez que esse não era um tema habitual em minhas apresentações públicas.

---

28. ABRAMS, Michael. *The Evolution Angel: An Emergency Physician's Lessons with Death and the Divine*. Boulder, CO: Abundance Media, 2000, pp. 66-7.

Após refletir um pouco, aceitei o convite e passei uma bela tarde de outono preparando o tema. Eu havia terminado o esboço e perguntei, mentalmente: “Será que esqueci algo?”. Imediatamente uma voz alta e bem-humorada disse: “Você esqueceu de celebrar conosco.” Eu estava chocado, virei-me mas, é claro, não havia ninguém presente fisicamente. A voz estava certa e, apesar de fazer outras perguntas, ficou claro que essa era toda a ajuda que eu receberia naquela tarde.

O relacionamento com os seres espirituais é complexo. Até mesmo a noção de ver anjos ou arcanjos como entidades separadas de nós mesmos é demasiado simples, uma vez que eles habitam espaços, vivem nas instituições e moram em nossas consciências. O dr. Michael Adams, um médico plantonista de pronto-socorro, relatou sobre os anjos dizendo

:

Nós somos você, o você real. Se nós nos envolvemos, você não deveria duvidar disso: nós certamente nos envolvemos em suas vidas, nós o fazemos como extensão do seu próprio querer [...] quando você emite um pensamento ou faz uma oração [...] isso sai em direção ao universo e começa a tomar forma. Você, espírito, e todos os mensageiros e agentes do Espírito, todos nós estamos conectados uns aos outros em um meio, um gigantesco campo coordenado de consciência.<sup>29</sup>

Outro aspecto de nosso relacionamento com os seres espirituais é que há seres que não nos ajudam em nossa jornada em direção a uma maior liberdade e responsabilidade. Rudolf Steiner refere-se a esses seres como seres luciféricos ou arimânicos: os seres

---

29. Ver: STEINER, Rudolf. *Lucifer and Ahriman* (cinco palestras dadas em novembro de 1919). North Vancouver, B.C., Canada: Steiner Book Centre, 1976.

Luciféricos gostariam que glorificássemos a nós mesmos por nossa beleza, criatividade e bondade automática, e os espíritos arimônicos gostariam que negássemos nossa natureza espiritual e apoiam abordagens egoístas e materialistas da vida.<sup>30</sup> Para nos influenciar, tais espíritos não requerem nossa participação consciente. Eles possibilitam o nosso desenvolvimento ao nos oferecer opções e resistências que tornam possível a nossa evolução em direção a uma maior liberdade. São os espíritos de ação positiva que servem ao espírito do tempo e ao curso da evolução humana que requerem nossa participação consciente por meio do diálogo, visto que eles precisam respeitar nossa liberdade e independência.

Ao refletirmos sobre o mistério de nossa cocriação com o espírito, também precisamos estar cientes de que os mortos têm grande interesse no que acontece na Terra. Muitos indivíduos estão cientes da orientação, do *insight* e da presença tranquilizadora que provém de nossos entes queridos que não mais estão na Terra, mas que continuam interessados em nosso trabalho e nas instituições às quais estiveram conectados anteriormente. Quando os honramos e estamos conscientes de sua presença e interesse, também estamos cocriando com o espírito.

Em meu trabalho como conselheiro de comunidades escolares, às vezes me perguntam como podemos tornar o diálogo com o espírito mais consciente. Seguem algumas ideias sobre condições importantes a manter em mente para o diálogo individual ou grupal com os seres espirituais. Contudo, é importante que cada pessoa encontre seu próprio método, sua própria abordagem e que pratique tais conversações.

---

30. STEINER, Rudolf. *Staying Connected: How to Continue your Relationships with Those Who Have Died*. Hudson, NY: Anthroposofic Press, pp. 26-7.



1. Criar uma atitude silenciosa, de reverência e expectativa.
2. Ter uma atitude, seja individualmente ou em grupo, de confiança e harmonia.
3. Ter clareza de que seus motivos são servir uma criança, um colega, uma situação ou uma escola.
4. Deixar de lado seus próprios julgamentos pré-existentes a respeito de soluções e resultados.
5. Fazer uma pergunta específica a um ser específico, como: bom espírito desta escola ou anjo desta criança, ajuda-nos a encontrar o local correto ou o passo correto para esta criança específica. Se for em grupo, combinar antecipadamente qual pergunta e que tipo de ser será abordado por pessoa.
6. Viver atentamente, aberto para um pensamento, uma frase, um gesto ou uma imagem que venha a surgir em sua consciência vazia. Seja paciente e viva em quietude. Esteja ciente de que as perguntas podem, muitas vezes, vir de fora, na forma de uma carta, um telefonema ou um encontro ocasional, vários dias ou até mesmo semanas após a pergunta ter sido formulada.
7. Ao discernir a verdade de uma resposta, desenvolva uma percepção do inesperado e então a contraponha ao seu entendimento. Se estiver em um círculo de colegas, ouça atentamente as impressões compartilhadas pelas pessoas e veja o que parece acender-se, para você e os demais.
8. Agradeça pela ajuda dada. É muito fácil esquecermos de demonstrar gratidão aos seres que nos acompanham em nossa jornada ou

que vivem conosco na comunidade escolar em desenvolvimento.

A cultura das escolas Waldorf, com suas festas, versos e ditados, oferece às crianças uma atitude de reverência pela dimensão espiritual da vida, oferecendo também aos professores, pais e funcionários uma oportunidade contínua de diálogo consciente com os seres espirituais. Parece-me que não aproveitamos suficientemente essa oportunidade; isto nos ajudaria a superar nossa visão unilateral e nos permitiria melhorar a legião de questões interpessoais que assolam muitas instituições colegiadas e autoadministradas. Lembrar que somos contemplados e que servimos a seres humanos e espirituais é um tônico para nosso próprio egoísmo.

Ao celebrarmos o mistério da cocriação com o espírito nas escolas Waldorf temos a oportunidade de celebrarmos um sacramento que Rudolf Steiner descreve da seguinte forma: associações humanas com uma vontade comum são locais secretos onde os seres espirituais mais elevados descem a fim de trabalhar por meio dos indivíduos, assim como a alma atua por meio dos membros do corpo.<sup>31</sup>

---

31. STEINER, Rudolf. *Brotherhood and the Struggle for Existence*. Spring Valley, NY: Mercury Press, 1980, p. 9.

## O MISTÉRIO DOS SERES HUMANOS LIVRES

Descrevi seis mistérios ou sacramentos que estão vivos nas diversas atividades do cotidiano de uma escola Waldorf: no verso matinal; em uma aula principal cuidadosamente preparada; uma reunião do colegiado de professores; uma festa ou uma conversa com um pai preocupado. Esses mistérios incluem o processo da encarnação e do desenvolvimento humano contido na rica imagem do desenvolvimento infantil; os mistérios gêmeos da leitura do livro da natureza e do livro da história que, juntos, formam o coração do currículo e o mistério da cocriação com o espírito.

O sétimo mistério é o mistério do ser humano livre: com isso me refiro à prática do desenvolvimento interior e da autotransformação. Essa é a base e o ápice do que pode transformar a educação Waldorf em um templo onde se possa trazer o sagrado para dentro da vida cotidiana, reconectando o espírito e a matéria.

A prática do desenvolvimento humano ou da autotransformação somente pode ser autoescolhida e trabalhada individualmente. Ela pode ser apoiada pela comunidade, mas, no fim das contas, precisa ser feita pela prática diária e semanal. A autoconsciência, a compreensão social, a compaixão e a percepção moral não são direitos de nascimento, nem são elas qualidades promovidas pelas sociedades materialistas e consumistas do Ocidente. Contudo, se não agirmos para promover o nosso desenvolvimento anímico e espiritual, não teremos a possibilidade de uma maior liberdade e sofreremos daquilo que os budistas chamam de excessivo apego, nem teremos a possibilidade de criarmos relacionamentos saudáveis e novas comunidades.

Minha experiência indica que a grande maioria de adultos em comunidades de escolas Waldorf está comprometida com seu trabalho interior e está buscando a dimensão espiritual no processo da educação e da vida comunitária. Se 79% dos americanos se

descrevem mais como espirituais do que religiosos (e estão buscando transcendência em meio ao mundano), então a porcentagem de professores, pais e funcionários de escolas Waldorf que compartilham de tal orientação é ainda maior.<sup>32</sup> Não poderíamos ou não deveríamos então expressar a expectativa de que em escolas Waldorf todos os membros adultos da comunidade estejam em um caminho autoescolhido de reflexão e crescimento interior? Não quero dizer com isso que todos os adultos em escolas Waldorf sejam alunos de Rudolf Steiner ou da Antroposofia, apesar disto ser recomendável para professores, visto que eles trabalham diariamente com a imagem do desenvolvimento infantil e com os diversos aspectos do currículo que ele inicialmente desenvolveu. Contudo, eles deveriam estar comprometidos com a autorreflexão e com o crescimento interior; caso contrário as novas formas comunitárias praticadas na educação Waldorf não terão sustento. Trabalhei em algumas escolas onde os conflitos de personalidade ou as discordâncias a respeito de aspectos da tomada de decisão ou grupos que desejavam conquistar poder criavam um ambiente de suspeita e inimizade a ponto de impossibilitar a escola de funcionar. As parcerias são muito vulneráveis a tais rupturas, a não ser que os membros adultos da comunidade busquem trabalhar com o que há de melhor neles e nos outros, de modo a reconhecer que as escolas são comunidades de destino nas quais nós somos parceiros em um mútuo desenvolvimento. A não ser que eu saiba que os outros estão comprometidos com os ideais da educação, bem como com seu próprio crescimento, posso parar de me esforçar no sentido de resolver diferenças se eu não tiver confiança em nossas intenções mútuas.

Quando falo de um caminho de desenvolvimento interior autoescolhido, refiro-me a um caminho que compartilhe os princípios encontrados em todas as tradições espirituais. Seja

---

32. Newsweek, 5 de setembro (sic), pp. 48-52.

cristã, budista, hindu, judaica ou muçulmana, as grandes tradições espirituais e religiosas compartilham três qualidades essenciais. A primeira delas é a reverência e a gratidão pela verdade, pelo milagre da vida humana e pelos inúmeros presentes da natureza; a segunda pode ser denominada a prática da atenção consciente (*mindfulness*), da educação da alma para trazer maior consciência às experiências externas e internas; e a terceira qualidade ou nível eu denominaria diálogo com o divino, com o mundo espiritual, por meio da oração e da meditação.

A prática da reverência e da gratidão estabelece uma atitude básica de alma que Rudolf Steiner descreve como sendo essencial para nos conectarmos à vida e ao mundo ao nosso redor. Ele observa: Avançamos ainda mais rapidamente (no caminho de desenvolvimento interior) se, em tais momentos (de reflexão interior), preenchermos nossa consciência com admiração, respeito e reverência pelo mundo e pela vida.<sup>33</sup>

Atividades de atenção consciente são exercícios para educar e direcionar nossas faculdades anímicas do pensar, sentir e querer de tal modo que aumentamos nossa capacidade para experimentar a nós mesmos e ao mundo de forma mais consciente. Todos nós temos a experiência de começar a pensar sobre uma questão, digamos, a beleza das folhas de outono, ou uma reunião com um amigo daqui a alguns dias e, antes que o percebamos, estamos pensando sobre a necessidade de pagarmos uma conta ou sobre o piquenique realizado no Dia do Trabalho. O mesmo acontece com nossos sentimentos: ouvimos alguém fazer uma observação e rapidamente ficamos incomodados sem saber porque ou temos uma explosão repentina de entusiasmo porque fomos elogiados. No âmbito da vontade, seguir nossas intenções conscientes e ter a

---

33. STEINER Rudolf. *How to Know Higher Worlds*. Great Barrington, MA: Rudolf Steiner Press, Anthroposophic Press, 2002, p. 20. Em português: *O Conhecimento dos Mundos Superiores*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1996.

capacidade de ser consequente é ainda mais difícil. A pergunta que enfrentamos diariamente é se somos pensados, sentidos e queridos por circunstâncias externas ou se conseguimos direcionar e controlar nossa atenção e comportamento em certa medida.

Para Rudolf Steiner, há certas condições que precisam ser atendidas se pretendemos que o caminho de desenvolvimento interior seja saudável e ancorado nas realidades da vida. Para ele, isto significava um pensar claro, uma vontade focada, equanimidade ou equilíbrio, positividade, uma mente aberta e trabalhar com esses cinco aspectos em harmonia. Estes exercícios às vezes são chamados de exercícios subsidiários ou complementares. O primeiro, o controle do pensamento, envolve colocar um objeto comum em sua consciência, digamos um botão ou um *clip* de papel, e focar nele exclusivamente durante cinco minutos ou mais: qual é sua função, do que é feito, como foi fabricado e assim por diante. Sugere-se trabalhar com isso durante uma semana ou um mês e depois acrescentar ao exercício da vontade uma ação não funcional, a ser realizada a uma certa hora todos os dias, como, por exemplo, tirar seu sapato esquerdo às 3:15 da tarde ou passar seu relógio de uma mão a outra. A prática da equanimidade é recomendada a seguir, para que não sejamos tão afetados pelos eventos comuns, ou impelidos a grandes flutuações de alegria ou tristeza, mas sim capazes de observar nossos sentimentos. O quarto exercício envolve o desenvolvimento da positividade: olhar para o bom e o belo em todas as coisas e todas as pessoas, sem, entretanto, negar os aspectos mais difíceis. A prática deste exercício é sutil, visto que ele requer que consigamos ir além de nossos sentimentos automáticos de aprovação ou desaprovação, até chegarmos a uma contemplação mais profunda de nossos sentimentos. Manter a mente aberta é o quinto exercício, cuja dificuldade aumenta na medida em que envelhecemos; basta compararmos nossos julgamentos como adultos ao encantamento de uma criança pequena perante cada nova experiência. Será que podemos cultivar uma abertura contínua a

novas verdades, novas percepções e novas experiências? Harmonizar e integrar essas cinco atividades é o sexto exercício. Torná-las um hábito diário nos dá estabilidade e flexibilidade de alma.<sup>34</sup>

O caminho das oito vias de Buda contém um conjunto estabelecido de exercícios de consciência ativa para a educação da alma bastante similar ao de Steiner. Essas práticas incluem: **juízo correto**: descobrir e trazer à consciência os motivos e as razões para a decisão; **linguagem correta**: trazer consideração ao nosso falar e à nossa conversação; **ação correta**: trazer consciência às nossas ações e às suas conseqüências; **conduta correta**: ordenar nossa vida de acordo com a natureza e o espírito; **memória correta**: o esforço de aprender tanto quanto possível pela vida, por meio da reflexão e pela observação consciente; **opinião correta**: estar atento ao pensar e distinguir entre o essencial e o não essencial na busca pela verdade; **análise correta**: em momentos de silêncio, aconselhar-se consigo mesmo de modo a testar e formar os princípios para sua própria vida e, por último, permitir que esses exercícios **tornem-se um hábito** em sua vida diária.<sup>35</sup>

O Buda ofereceu o caminho de oito vias como um conjunto de práticas a seus discípulos e para a humanidade, como parte de seus ensinamentos sobre o amor e a compaixão, como uma forma de superar a dor e o sofrimento do mundo.<sup>36</sup>

Ainda que os exercícios de atenção consciente variem entre indivíduos e também entre as tradições espirituais, eles compartilham o objetivo de educação da consciência. Recentemente, em um pequeno grupo de sete alunos que exploravam questões sobre o desenvolvimento interior, anotei mais de 40 práticas, desde o falar e o ouvir conscientes até a observação da natureza, exercícios de concentração, criação de momentos diários de silêncio, caminhar

---

34. STEINER, Rudolf. *Guidance in Esoteric Training*. Sussex: Rudolf Steiner Press, 1977, p. 13-19.

35. Idem, p. 20-23.

<sup>36</sup>consciente, atenção à respiração, uma revisão noturna do dia, ouvir sons e buscar por um milagre consciente a cada dia.

Com base nos seis exercícios de atenção consciente descritos por Rudolf Steiner, Michael Lipson, em *Stairway to Surprise*, observa:

Esta capacidade humana tão fundamental, a capacidade da atenção, é o diferencial do ser humano. Ela pode ser fortalecida de modo que possamos nos dedicar de forma mais criativa ao trabalho e ao lazer que escolhemos, reconquistando um pouco da capacidade de imersão total das crianças pequenas.<sup>37</sup>

Se trabalharmos nosso desenvolvimento anímico por meio de atividades de atenção consciente, estaremos em condições de considerar a oração e a meditação como formas complementares de abordarmos o espírito. A oração é, basicamente, um olhar ascendente da alma, do presente transitório para o eterno, que abraça o passado, o presente e o futuro. Ela deve ser isenta de motivos egoístas, de modo que ela possa ser um grito para que o divino venha até nós e nos preencha com o seu poder.<sup>38</sup> Seja lá qual for a forma e independentemente de sua tradição religiosa, a verdadeira oração nos leva ao reconhecimento de que estamos conectados, que somos parte do mundo divino, e que podemos aceitar o passado e confiar no futuro.

Se a oração é um pedido ao mundo divino para estar presente

---

36. Ver: STEINER, R. *According to Luke*. Anthroposophic Press, 2001, p. 70-80. Em português: *O Evangelho segundo Lucas*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1996

37. LIPSON, M. *Stairway to Surprise: Six Steps to a Creative Life*. Great Barrington, MA: Anthroposophic Press, 2002, p.10.

38. STEINER, Rudolf. *Prayer*. Spring Valley, NY: Anthroposophic Press, 1977, pág. 12-13.



em nossas vidas, então a meditação é um esforço para erguer nossa consciência ao mundo espiritual, utilizando imagens e pensamentos não físicos para alcançar uma consciência espiritual. Quando nos erguemos pela meditação àquilo que nos une ao espírito, acordamos algo dentro de nós que é externo e não é limitado por nascimento e morte.<sup>39</sup> Ao meditarmos sobre um pensamento ou frases profundas como “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus”,<sup>40</sup> ou o ditado hindu “O homem habitualmente identifica o Eu com o não Eu”, ou sobre poesias cheias de percepções ou imagens sagradas buscamos erguer nossa consciência à uma contemplação do espírito.

Ao fazermos isso, nos tornamos conscientes de que somos seres espirituais, com capacidades espirituais. Para Rudolf Steiner, o caminho da reverência e a prática das atividades de atenção consciente levam ao desabrochar da capacidade de cognição espiritual, e a meditação é um desabrochar desta capacidade. Como ele afirma no início de *O conhecimento dos mundos superiores*, as capacidades por meio das quais temos percepções sobre os mundos superiores estão adormecidas em cada um de nós.<sup>41</sup> O desafio é fazer com que tais capacidades desabrochem pela prática.

Reconhecemos, é claro, que na medida que envelhecemos, há um processo de maturação, de desenvolvimento na vida. Podemos aumentar essa aprendizagem por intermédio da reflexão consciente sobre nossa biografia, sobre as lições de nossa vida. A seguir podemos começar um processo de desenvolvimento da alma e do espírito, percorrendo um caminho de transformação interior pela prática da gratidão e da reverência, da atenção consciente e da oração e da

---

39 STEINER, Rudolf. *How to Know Higher Worlds*. p. 35, op. cit.

40. THE HOLY BIBLE - King James version. Oxford University Press. (A Bíblia Sagrada). Abertura do Evangelho de São João; Swami Prabhavananda. *The Sermon on the Mount* According to Vedanta, Mentor Books, NY, 1963, p. 21.

41. STEINER, Rudolf. *How to Know Higher Worlds*. Op. cit., p. 13.

meditação. Acredito que isto fornece a base essencial para todas as novas comunidades e para novas sociedades, mais equitativas e sustentáveis. Percorrer um caminho de desenvolvimento interior é a própria substância do mistério do ser humano livre, porque precisamos escolhê-lo de novo a cada dia e porque, se praticado, ele nos oferece um crescente sentimento de liberdade e responsabilidade pelo ser humano.

Sugeri anteriormente que podemos encontrar três níveis de atividade no caminho do desenvolvimento interior em todas as tradições espirituais: gratidão, atividades de atenção consciente, e oração e meditação. A gratidão é o exercício de relembrar tudo que o mundo espiritual nos deu: nossa vida, nosso alimento e o instrumento físico para experienciarmos o mundo: nosso corpo. As atividades de atenção consciente educam nossa alma para que esteja consciente da realidade da alma e do espírito agora, preste atenção ao presente, tanto interna como externamente, enquanto a oração e a meditação são formas de direcionar nosso olhar para o espírito, de contemplação do espírito. Rudolf Steiner registrou essas diferenciações de uma forma maravilhosa em uma longa meditação, denominada “Meditação da pedra fundamental”, uma meditação que ele compartilhou com os delegados e membros da Sociedade Geral Antroposófica por ocasião da cerimônia de fundação desta sociedade entre o Natal e o Ano Novo de 1923. Essa meditação consiste em três grandes chamados à alma humana e é seguida por uma quarta parte: uma petição ou oração ao espírito da humanidade. A importância dessa meditação reside na descrição de uma imagem de um ser humano como um ser espiritual potencialmente livre que, por meio da prática espiritual, pode alcançar uma nova conexão com o espírito.

*Alma do homem!*  
*Tu vives nos membros,*  
*Que através do mundo do espaço*  
*Ao ser-do-oceano-do-espírito te levam:*  
*Exercita o recordar-do-espírito*  
*Nas profundezas da alma.*  
*Onde no imperante*  
*Ser-cósmico-criador*  
*O próprio Eu*  
*No Eu-de-Deus*  
*Se torna ser;*  
*E tu verdadeiramente viverás*  
*No ser-cósmico-do-homem*

*Pois impera o Espírito-Pai das alturas*  
*Nas profundezas gerando ser.*  
*Vós, Espíritos-Força,*  
*Fazei ressoar das Alturas*  
*O que encontra o eco nas profundezas*  
*E que assim diz:*  
*Do divino a humanidade se torna ser*  
*É o que ouvem os espíritos a leste, oeste, norte e sul:*  
*Homens, queiram ouvi-lo!*

*Alma do homem!*  
*Tu vives no batimento de coração e pulmões,*  
*Que através do ritmo dos tempos*  
*Ao próprio sentir da essência da alma te conduz:*  
*Exercita o refletir-do-espírito.*  
*No equilíbrio da alma,*  
*Onde os ondulantes*  
*Atos-do-devir-cósmico*

O próprio Eu  
Ao eu-do-cosmo  
Reúnem;  
E tu verdadeiramente sentirás  
No atuar-da-alma-do-homem.

Pois impera a vontade do Cristo nas amplidões,  
Nos ritmos cósmicos agraciando almas;  
Vós, Espíritos-luz,  
Fazei inflamar pelo leste  
O que se forma através do oeste;  
E que assim diz:  
No Cristo a morte torna-se vida.  
É o que ouvem os espíritos a leste, oeste, norte e sul:  
Homens, queiram ouvi-lo!

Alma do homem!  
Tu vives na cabeça em repouso,  
Que a partir dos fundamentos da eternidade  
Os pensamentos cósmicos te desvendam:  
Exercita o olhar-do-espírito  
Na quietude dos pensamentos,  
Onde às metas eternas dos deuses  
Luz-essência-cósmica  
Ao próprio Eu  
Para o livre querer  
Doam;  
E tu verdadeiramente pensarás  
Nos fundamentos-do-espírito-do-homem.

Pois imperam os pensamentos do mundo espírito  
No ser cósmico implorando luz:

*Vós, espíritos-alma,  
Fazei suplicar das profundezas  
O que é ouvido nas alturas;  
E que assim diz:  
Nos pensamentos do mundo do espírito desperta a alma.  
É o que ouvem os espíritos a leste, oeste, norte e sul:  
Homens, queiram ouvi-lo!*<sup>42</sup>

O primeiro chamado “Exercite o recordar do espírito” é um chamado à gratidão e à reverência por tudo que foi dado pelo passado: nossa vida, nosso corpo, nossa Terra. Experienciamos isso pelos nossos membros, que nos carregam através do mundo do espaço. Esse presente da vida nos foi dado pelo mundo divino, pelo Princípio Paternal criativo, e vive em nosso sistema volitivo.

O segundo chamado “Exercite o refletir do espírito” é um chamado à consciência do espírito no fluxo do tempo para nosso processo de vir a ser. Experimentamos isso mais diretamente pelo ritmo de nosso coração e pulmão, o qual, ainda que único para cada um de nós, nos conecta com os ritmos dos tempos: e os atos do devir universal. Por meio desta segunda prática estamos conectados com o mundo do Filho,” Pois reina a vontade do Cristo no entorno, nos ritmos cósmicos abençoando almas”. A prática do refletir em espírito conecta nosso próprio eu ao eu cósmico e nos permite sentir de modo verdadeiro.

Na terceira prática “Alma humana, exercite o olhar do espírito, na quietude dos pensamentos” é um chamado para verdadeiramente pensar de modo que os pensamentos cósmicos e os objetivos eternos dos deuses sejam revelados a nós, formando a base de nosso agir. Por esta prática usamos as forças da cabeça em repouso (calma dos

---

42. ZEYLMANS VAN EMMICHOVEN, F. W. *The Foundation Stone*. Londres: Rudolf Steiner Press, 1963, p. 6-29. Esta versão da Pedra Fundamental é uma versão ligeiramente revisada da tradução de George Adams, contida no livro de Zeylmans van Emmichoven.

pensamentos) para conectar com o espírito que direciona nossa vontade para servir aos deuses.

Essa meditação memorável conecta as forças dos membros, do coração e dos pulmões e da cabeça em repouso com as capacidades psicológicas do querer, do sentir e do pensar àquelas forças anímicas voltadas para a realidade espiritual da Trindade. Na segunda parte de cada um desses chamados, a meditação se refere a falas sobre as hierarquias espirituais. Na primeira parte: “Vós, espíritos-força! Deixai ressoar das alturas, aquilo que nas profundezas ecoou. E que fala: do Divino surge a humanidade.” Na segunda: “Vós, espíritos-luz! Deixai inflamar pelo leste, aquilo que se forma por meio do oeste. E que fala: no Cristo a morte torna-se vida.” E na terceira: “Vós, espíritos-almas! Deixai suplicar das profundezas, aquilo que é atendido nas alturas. E que fala: Nos pensamentos universais do Espírito desperta a alma.” Cada parte a seguir encerra com uma descrição e uma súplica: “É o que ouvem os espíritos no leste, oeste, norte e sul. Seres humanos, queiram ouvi-los!” Ao praticar o recordar em espírito, o refletir em espírito e a visão em espírito, não apenas estamos dando significado ao antigo chamado, “Homem, conhece-te a ti mesmo”, mas também estamos nos preparando para ouvir a fala das hierarquias espirituais: “Do divino surge a humanidade”, “No Cristo a morte torna-se vida”, e “Nos pensamentos universais do espírito desperta a alma.”

Pelo trabalho com essa meditação, e por meio da prática do recordar em espírito (gratidão, reverência), do refletir em espírito (atividades de atenção consciente) e da visão em espírito (meditação), conhecemos a nós mesmos mais profundamente e experienciamos a nós mesmos como parte da humanidade. Como Zeylmans van Emmichoven sugere em sua introdução à Pedra Fundamental, ao trabalhar com esta meditação, o ser humano individual cresce em direção à humanidade; a humanidade vive como um todo em cada indivíduo.<sup>43</sup>

---

43. ZEYLMANS VAN EMMICHOVEN. *The Foundation Stone*, ibid.

A meditação da Pedra Fundamental encerra com uma quarta parte, uma petição e uma oração.

*Na virada dos tempos  
Entrou a Luz do espírito-do-cosmo  
Na corrente terrestre do ser;  
Treva da noite  
Deixara de imperar;  
A clara luz do dia  
Resplandeceu nas almas dos homens;  
Luz  
Que aquece  
Os pobres corações de pastores;  
Luz  
Que ilumina  
As sábias cabeças de reis.*

*Luz Divina  
Cristo-Sol,  
Aquece  
Nossos Corações;  
Ilumina  
Nossas cabeças;  
Que se torne bom  
O que nós  
A partir do coração queremos fundar  
O que nós  
A partir da cabeça,  
A alvos plenos queremos conduzir.*

A quarta parte da meditação é uma descrição do profundo impacto que a encarnação, a morte e a ressurreição do Cristo tiveram sobre a humanidade, assim como uma oração para que ele, como espírito da humanidade, aqueça nossos corações e ilumine nossas cabeças. Se pensarmos no ser crístico como espírito da humanidade e nos libertarmos das imagens tradicionais das igrejas, vendo-o como um ser que transformou totalmente a si mesmo durante os três anos entre o batismo e a ressurreição, então talvez possamos estabelecer uma relação com ele como arquétipo do desenvolvimento humano, como amigo, consolador e inspirador de nossa jornada.

A meditação da Pedra Fundamental é uma imagem arquetípica do ser humano e um chamado para alcançarmos nosso direito primordial como seres espirituais livres por meio da prática anímica. Ao refletir sobre essa meditação, ocorre-me que, se todas as formas de vida são criadas a partir da imaginação espiritual, um arquétipo, então isso não é verdade somente para flores, animais e peixes, mas também para os seres humanos. Se a meditação da Pedra Fundamental é, em algum sentido, uma forma meditativa da imaginação arquetípica a partir da qual os seres humanos são criados, então a capacidade de meditar sobre nosso arquétipo criativo é um presente incrível e a base de uma nova liberdade: a de conhecermos a nós mesmos como seres terrenos e cósmicos.

Esse arquétipo, essa imagem espiritual, creio ser a peça central, a imaginação central e o conteúdo sagrado das catedrais do século XXI, pois descreve o mistério do ser humano livre como um ser cósmico e terreno. Para mim, isso representa tanto o objetivo básico como o conteúdo que fundamenta a educação Waldorf: uma educação que é um hino aos seres humanos livres, responsáveis e dotados de espírito.

Busquei articular o que, creio, sejam os mistérios que representam o conteúdo e as formas da educação Waldorf, na esperança de que outras pessoas possam refletir a respeito, praticar e continuar



elaborando esses mistérios. Para que as escolas Waldorf realizem seu potencial para o futuro, esses mistérios precisam ser reconhecidos e praticados de modo que a educação Waldorf possa tornar-se uma arca, possa tornar-se uma catedral para uma nova era espiritualmente consciente, uma era na qual a humanidade será um cocriador responsável, junto com os deuses.